

Os caminhos da história do Ceará antes da escrita

VERÔNICA VIANA*

CRISTIANE BUCO*

THALISON DOS SANTOS*

RESUMO

O presente artigo aborda, inicialmente, publicações acerca de sítios arqueológicos cearenses incluídas na Revista do Instituto do Ceará (RIC), particularmente aquelas da autoria de Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho, autor que se dedicou às classificações da arte parietal pré-colonial. Em seguida, apresentam-se os resultados de algumas pesquisas arqueológicas sistemáticas e continuadas realizadas no estado nas duas últimas décadas, entre as quais é possível citar: a ocupação da costa cearense, enfatizando as informações acerca dos sítios de ambientes dunares da Jericoacoara; a dispersão da tradição ceramista Tupi-Guarani no território no cearense; e a tradição ceramista Aratu, identificada na Serra do Evaristo, município de Baturité

INTRODUÇÃO

Desde o Holoceno inicial, por volta de 10.000 anos AP (Antes do Presente), o interior cearense já estava densamente habitado por grupos de caçadores-coletores especializados no fabrico do instrumental lítico e autores da arte parietal, que disputavam os melhores sítios de caça nos biomas das regiões serranas e depressões sertanejas.

O povoamento da costa cearense, por sua vez, pode ter sido iniciado no Holoceno médio, por volta de 5000 anos AP, no chamado *Optimum Climático*, quando a retomada da tropicalização suavizou o caráter inóspito a que a área estava submetida, propiciando, conforme sustentou

* Doutora em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe.

* Doutora em Arqueologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal

* Doutorando em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

AB’SABER (2000), a formação de áreas dotadas de lagunas, restingas, lagamares e baías oriundas de regressões marinhas.

Esse momento inicial da ocupação humana costeira vai ao encontro da datação arqueológica mais antiga já registrada no litoral cearense, 5000 anos AP (AMS/Beta Analytic/290952), obtida a partir de restos alimentares marinhos associados a cerâmicas e ferramentas líticas do sítio Sabiaguaba II, localizado na praia de Praia de Sabiaguaba, extremidade leste da cidade de Fortaleza (SOUZA, 2011).

Atualmente, o Estado possui mais de mil sítios arqueológicos cadastrados no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e apresenta um potencial enorme para a identificação de mais dezenas de milhares, à medida que novas pesquisas venham a ser realizadas.

Com relação à distribuição espacial de sítios arqueológicos conhecidos no território cearense, enfatiza-se que o aumento exponencial de trabalhos de arqueologia de contrato junto a obras de engenharia nas duas últimas décadas, resultou em um número elevado de descobertas em regiões com maior demanda por instalação de empreendimentos, principalmente no litoral. Essas descobertas geraram um balanço desproporcional no número de sítios registrados – quando comparadas as regiões litorâneas, serranas e sertanejas – o que apenas revela a concentração de obras realizadas na zona costeira, em detrimento do continente.

O primeiro documento a mencionar a existência de sítios arqueológicos no Ceará é a “Lamentação Brasília”, do Pe. Francisco Teles Correia de Menezes, um viajante que percorreu os sertões cearenses entre os anos 1796 e 1806 (ARARIPE, 1909; POMPEU SOBRINHO, 1956). Tal documento integra um conjunto de relatos que têm em comum o objetivo de apresentar ao governo imperial as riquezas das terras brasílicas. Embora a preocupação fosse registrar as peculiaridades da fauna, da flora e do solo, não deixaram de mencionar a existência de sítios arqueológicos em suas atividades exploratórias.

No presente artigo trataremos inicialmente das contribuições para a arqueologia cearense na Revista do Instituto do Ceará (RIC), seguidas de alguns trabalhos de arqueologia cearense que se destacam pelo caráter sistemático e continuado das pesquisas, entre os quais podemos citar: a

ocupação da costa cearense, enfatizando as pesquisas realizadas na praia de Jericoacoara (VIANA, 2018; SANTOS, 2018), trabalhos relacionados à dispersão da tradição Tupi-Guarani no território cearense (LUNA, 2010; ZANETTINI, 2008; ALBUQUERQUE, 2010; CAZZETTA, 1996; NOBRE, 2013), além de discorremos sobre a presença da tradição Aratu na Serra do Evaristo, município de Baturité (IPHAN, 2014; FREITAS *et al.*, 2015).

A ARQUEOLOGIA CEARENSE NA REVISTA DO INSTITUTO CEARÁ (RIC) E EM OUTRAS PUBLICAÇÕES LOCAIS

A primeira informação acerca da arqueologia cearense para a Revista do Instituto do Ceará (RIC), publicação editada de forma ininterrupta desde o ano de 1887, aparece logo na segunda década da sua criação (1901), e está relacionada a uma produção da autoria de Franklin Nogueira. O autor descreve as pinturas rupestres existentes no Serrote da Rola, localizado no atual município de Santana do Acaraú. Diferentemente das interpretações de seus contemporâneos, que atribuíam a autoria da arte rupestre às “civilizações mediterrâneas” que, misteriosamente, teriam chegado à América, Franklin Nogueira vincula os vestígios ali existentes aos grupos indígenas, e assim os descreve:

Com toda a fidelidade copiamos esta inscrição. Como é muito frequente, atribue-se essa inscrição até aos Olandezes, que parecem nunca terem feito taes letreiros no sertão do Ceará. Não havendo no lugar memória alguma do tempo nem de pessoas que o fez, podemos attribuir-lhes com alguma segurança, uma origem indígena, não só pela simplicidade das figuras, mas também por parecerem traçadas a dedo com uma tinta de côr semelhante à que ainda hoje se uza no Ceará na ornamentação de talhas e outros objetos de barro (NOGUEIRA 1901, p.84-85).

Evitando o estabelecimento de significados precedentes acerca da arte parietal cearense, Studart Filho (1925) publicará na RIC uma breve descrição das pinturas existentes na gruta Pedra Ferrada, situada na localidade de Mucambo, atual município de Itapipoca:

Apresentavam-se traçadas com tintas vermelhas sobre a parede de uma gruta bastante ampla e representavam numerosos grupos de silhuetas, dispostos com regularidade em séries paralelas. Além dos desenhos apontados distinguia mais, perfeitamente nítida e clara, a silhueta de um bovídeo a pastar; via-se também uma ave de longas azas abertas, esta porém, de feitura muito rudimentar [...] e é para servir aos profissionaes que queiram lançar mãos destas petrographias para os seus estudos que aqui deixo assignalada a existência da Pedra Ferrada (STUDART FILHO, 1925, p.165-166).

As pinturas da Pedra Ferrada podem ser associadas ao que os pesquisadores do nordeste brasileiro identificam como “Tradição Agreste”, a partir de conjuntos identificados inicialmente no interior do estado da Paraíba e, posteriormente, no Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí. Tal vínculo é decorrente de um elemento diagnóstico dessa tradição, a representação gráfica de um grande pássaro de asas abertas (AGUIAR, 1986).

As principais contribuições para o conhecimento da história pré-colonial do Ceará serão oriundas dos trabalhos de Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho (1880-1967), membro e presidente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, entusiasta da arqueologia, atividade a que se dedicava em paralelo ao seu trabalho como engenheiro do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), que, por sua vez, o levava a explorar áreas remotas dos sertões e das serras cearenses.

O conteúdo das suas publicações dividia-se, equitativamente, entre as temáticas “povos indígenas” e “arte rupestre”, além de alguns trabalhos de antropologia física. Nos escritos desse erudito, que consideramos o “Pai da arqueologia cearense”, encontram-se os primeiros dados sistemáticos acerca da arte rupestre local. Seus trabalhos trazem mapeamentos de extensas áreas, e outras publicações também discorrem sobre o significado das manifestações gráficas.

Na publicação intitulada “Inscrições rupestres sul-americanas e dos sertões cearenses”, incluída na Revista da Academia Cearense de Letras, ele definirá três categorias picturais, seguindo um critério estilístico:

1. inscrições de estilo puramente geométrico. As figuras constam de linhas retas ou curvas, simples ou combinadas. Ausência de elementos realísticos reconhecíveis, salvo de seres humanos ou saurios, altamente esquematizados e reduzidos a uma simplíssima combinação de linhas, retas e curvas, sem corpo;
2. inscrições em que aparecem figuras mais ou menos esquematizadas de animais, especialmente mamíferos e seres humanos com apreciável estruturação. As representações humanas características aparecem geralmente sinalizadas e digitadas, muitas vezes reduzidas a cabeças com alguns dos seus órgãos mais salientes, sobretudo olhos e nariz;
3. [...] semelhantes às procedentes, mas nas quais as figuras se mostram ordinariamente vestidas; as de mamíferos bem esquematizadas, mais facilmente reconhecíveis e as aves de fácil identificação. Neste grupo, como no anterior, frequentemente não faltam figuras geométricas, mas estas apresentam-se sempre de forma regular. Normalmente se percebem elementos ornamentais (BRASIL SOBRINHO, 1953, p.49-50).

Trata-se de um esforço classificatório que em muito se assemelha às classificações que viriam a ser utilizadas pelos arqueólogos do Nordeste brasileiro a partir da década de 1970 e, embora os critérios sejam diferenciados, podem-se traçar paralelos entre os três estilos por ele definidos e as tradições de arte parietal: Nordeste, Agreste e “Geométrica” estabelecidas inicialmente pela identificação de similaridades e diferenças observáveis nas técnicas e temáticas de representar graficamente, reunindo, por conseguinte, conjuntos de imagens semelhantes que possuíam uma ampla dispersão territorial (CALDERON, 1971; GUIDON, 1982; AGUIAR, 1986; MARTIN, 1997; VIANA, 2000).

Em 1956, Thomaz Pompeu Sobrinho publica para a RIC “Algumas inscrições rupestres inéditas no estado do Ceará”, reunindo os registros gráficos em quatro centros: o Planalto dos Inhamuns, que se estende a norte, na região do município de Independência, e a oeste, adentrando o estado do Piauí; a Serra da Ibiapaba, mais especificamente a ponta setentrional dessa montanha; o Banabuiú, que compreende a bacia do rio homônimo e

o rio Quixeramobim; e o Médio Jaguaribe, que se estende ao longo do rio Jaguaribe, atingindo o Apodi (BRASIL SOBRINHO, 1956, p.115-116).

Na publicação “As migrações paleolíticas na América e uma hipótese relativa às inscrições rupestres” para a RIC, também da sua autoria, tratará do significado das manifestações gráficas pré-coloniais, influenciado por uma tendência vigente à época que lhes conferia um sentido religioso:

As inscrições não foram inventadas para fins religiosos e os primeiros ensaios realizados nas areias úmidas da praia ou pintadas em casca de árvore, não passavam de jogos de divertimento ou teriam caráter comunicativo efêmero e que somente mais tarde os primitivos descobriram que o desenho poderia representar os fenômenos religiosos, mas para tal objetivo, já não bastavam as figuras que os ventos ou as chuvas desmanchavam, era preciso dar durabilidade e eternidade aos símbolos sagrados. Os imigrantes pioneiros do Nordeste pintaram inscrições que trazem o estilo criado na sua pátria original, o Velho Mundo, com alguns símbolos que, pela sua estabilidade extraordinária, deveriam ter alta significação religiosa (BRASIL SOBRINHO, 1955, p.12).

Do início do século XX, até o ano de 1956, quando se tem a última publicação de Thomaz Pompeu Sobrinho sobre arqueologia para a RIC, a produção acerca dessa temática será abundante. Após esse período, diferentemente do que ocorre em outros estados brasileiros, a arqueologia cearense em um longo período de refluxo. Na RIC, por exemplo, haverá apenas um artigo sobre a temática, publicado na edição de 1971. Somente a partir da década de 1990 o interesse por estudos na área será renovado e, com relação à RIC, só teremos apenas uma publicação na edição do ano de 1971.

HISTÓRIA INDÍGENA DE LONGA DURAÇÃO NA PRAIA DE JERICOACOARA

Por muito tempo, as pesquisas arqueológicas realizadas na zona costeira do Brasil restringiram-se à interpretação de sítios sambaquieiros e, embora seus estudiosos apontem que sejam necessários avanços em

suas diversas abordagens, diferentemente do que ocorre com os “sítios de ambientes dunares” não sambaquieiros, típicos do litoral cearense e potiguar, já se tem para aquelas instalações uma numerosa produção acadêmica, as quais, já bem distante de uma abordagem inicial, compreendem que os sambaquis são intencionais e plenos de significação simbólica para os seus construtores (DEBLASIS *et al.*, 2007, p.31). Os sambaquis distribuem-se na costa brasileira de forma irregular, havendo uma descontinuidade de sua ocorrência entre os estados de Sergipe e do Piauí. Tal situação foi explicada, em termos culturais, como uma imposição de outros grupos pré-coloniais (provavelmente, caçadores que habitavam o litoral potiguar), que teriam impedido o avanço da cultura sambaquieira no sentido norte – sul (GASPAR, 1999, p.167), por essa via costeira específica.

Já os sítios costeiros designados “sítios de ambientes dunares”, dominantes na costa norte semiárida, e cujo campo de pesquisa é mais recente, ocorrem de forma ininterrupta por toda a costa brasileira e, em algumas situações, compartilham os mesmos ambientes marítimos com os sambaquis. Sítios dessa categoria na costa cearense estão localizados nas proximidades das áreas estuarinas dos principais cursos d’água, colonizados por inúmeras espécies de crustáceos e moluscos, a exemplo dos rios Acaraú, Cocó, Coreaú, Guriú, Jaguaribe, Trairi.

Nesse contexto, são identificados conjuntos cerâmicos geralmente associados à tradição Tupi-Guarani, mas há, ao menos, quatro conjuntos artefatuais associados a grupos não Tupi. Entre esses, há um conjunto que procederia de ocupações Pré-Tremembé, considerando-se fatores como a coincidência entre território e dispersão vestigial na extremidade oeste da costa cearense.

Conjectura-se, ainda, a presença de vestígios “Papeba”, representados por vasilhas pequenas de paredes finas, similares aos identificados por Nasser (1974) no litoral do Rio Grande do Norte; no entanto, as correlações não foram devidamente estabelecidas até o momento. Pesquisas atuais tendem a correlacionar a fase Papeba à tradição Aratu, horizonte cultural até o momento não identificado no litoral cearense.

Na praia de Jericoacoara, os sítios de ambientes dunares mais representativos estão localizados no entorno do Serrote, um dos principais atrativos para os turistas que visitam o local, tendo em vista permitir uma visão panorâmica da área. No entorno desse promontório, um dos mais

pronunciados da costa cearense, encontram-se os sítios Jericoacoara I, II e III, circunscritos à área do Parque Nacional de Jericoacoara.

As pesquisas arqueológicas em Jericoacoara tiveram início no ano de 2006, por ocasião dos estudos arqueológicos para licenciamento do sistema de esgotamento sanitário local, oportunidade em que foram identificados os sítios Jericoacoara I e II (VIANA *et al*, 2007a). Alguns anos mais tarde, uma pesquisa acadêmica focou o sítio Jericoacoara I, realizando trabalhos interventivos na forma de trincheira e sondagem (SOARES, 2011). Nessa ocasião, obteve-se a primeira datação para área de 1110 anos AP (BETA AMS/290953), a partir de amostras de carvões coletados em uma fogueira bem preservada, situada a cerca de 1 m de profundidade, sob um espesso pacote de sedimentos eólicos. O sítio Jericoacoara I foi alvo de novas intervenções arqueológicas no ano de 2017 (VIANA, 2018; SANTOS, 2018), fornecendo importantes informações sobre o processo de formação do registro arqueológico em ambientes dunares, entre outras nuances da ocupação pré-colonial desse interjacente costeiro.

A ocupação possui vestígios dispersos por uma área de aproximadamente 1 km, visíveis na atualidade em sete concentrações, interceptadas por pacotes de dunas que se lhe sobrepuseram. Nessas concentrações, os vestígios são visíveis em “*blowouts*”, na forma de bacia de deflação e corredores. Embora os processos erosivos possam provocar a movimentação de vestígios que rolam para a base das depressões, constituindo palimpsestos de difícil interpretação, verificam-se trechos com estratigrafia preservada que configuram uma das particularidades dessa área.

Com a retomada das pesquisas na área procurou-se caracterizar o sítio Jericoacoara I a partir de fatores como: o cotejamento de informações acerca do ambiente atual, formado por feições geomorfológicas que tanto singularizam esses trechos costeiros – os vastos campos de dunas, as lagoas interdunares, as formações rochosas que contemplam abrigos; o paleoambiente, com diligências em fontes escritas e análises sedimentológicas; da caracterização dos fatores que interferiram na constituição e na desagregação do registro arqueológico; a análise das especificidades do conjunto artefactual; os dados etnohistóricos disponíveis para a área, com ênfase nos documentos de reconhecimento territorial da costa semiárida, especialmente do princípio do século XVII.

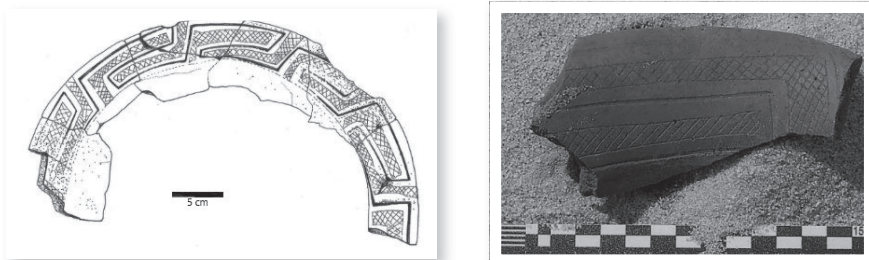
Embora as fontes sejam raras para a história indígena no Ceará, tem-se um número maior de documentos para o interjacente onde se localiza Jericoacoara (ALBERNAZ, 1629; BECK, 1649; EVREUX, 1613; GERRITSZ, 1627, 1629; MORENO, 1614; OLIVEIRA, 1980, entre outros), o qual se configurou como um ponto estratégico, para franceses e portugueses, a caminho de São Luís do Maranhão (a França Equinocial). A maioria das fontes a que tivemos acesso insere a praia de Jericoacoara na denominada “Província dos Tremembé de Guerra” e, segundo Fausto (1992, p. 382), a mesma corresponde a um dos trechos da costa brasileira em que a ocupação Tupi era interrompida.

Com relação à cultura material recuperada na escavação do sítio Jericoacoara I, os vestígios correspondem a 3500 fragmentos cerâmicos, 1090 materiais líticos, entre artefatos lascados e polidos, além de 413 exemplares da malacofauna, formados por gastrópodes e bivalves. O material das duas jornadas foi recuperado em profundidade nas intervenções designadas Trincheira 1 (TRINC1), Escavação de Ampla Superfície (ESC 1), Sondagens 1 a 4 (SOND1, SOND2, SOND3, SOND4), Fogueira 1 (FOG1) e, em superfície, na base dos corredores e das bacias eólicas, na Trincheira 2 (TRINC2) e nas Fogueiras 2 e 3 (FOG2 e FOG3).

Com relação ao conjunto cerâmico presente na área em Jericoacoara, aparecem três grupos cerâmicos bastante diferenciados, que podem também assinalar a presença de, pelo menos, três grupos habitando nas proximidades do Serrote: o primeiro é formado por cerâmicas de paredes finas associadas a pequenas vasilhas em que o aditivo principal é representado por grãos de areia, que podem ser visualizados a olho nu. As vasilhas estão relacionadas a tigelas, sendo numerosos os exemplares com diâmetros entre 25 e 30 cm. As cerâmicas desse grupo apareceram em profundidade, sendo possível correlacioná-las com maior segurança a uma cronologia de 1630 anos AP (ESC 1, nível 4), de 1590 anos AP (SOND 2, nível 8) e de 1110 anos AP (TRINC 1, nível 9).

O segundo grupo cerâmico é mais numeroso e, quanto aos aspectos tecnológicos, pode ser caracterizado pela existência de uma pasta na qual aparecem, equitativamente, antiplásticos como bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos, areia e vegetais. Em menor proporção, foram agregados à pasta, conchas e carvões. Com relação à manufatura aparece,

principalmente, a técnica do acordelamento, identificada por meio de fragmentos de roletes e discos de base.



Figuras 1 e 2 - Cerâmicas com decoração incisa no sítio Jericoacoara I (VIANA, 2018).

As decorações incisadas podem ser consideradas uma espécie de elemento diagnóstico desse segundo grupo, constatando-se que as mesmas aparecem, preferencialmente, na face internas dos vasilhames, embora a incisão na face externa também esteja presente. Na face interna, os(as) oleiros(as) optaram por decorar as bordas relacionadas às formas abertas, enquanto, na face externa, as incisões situam-se no bojo de vasilhames de formas fechadas. Percebe-se uma escolha por áreas mais visíveis nas peças para aplicação da decoração incisa ou pintada, evitando-se, por exemplo, suas bases.

As formas das vasilhas deste conjunto artefactual correspondem, particularmente, a tigelas, com diâmetros de 20 a 50 cm e profundidades média e rasa. Podemos assinalar ainda a presença de um elemento forte na sua caracterização: os furos de suspensão executados nas bordas dos vasilhames de formas abertas, os quais serviam ao transpasse de cordas para o transporte dos recipientes. Esse grupo situa-se dentro dos limites de uma mancha de queima que foi datada de 2.030 anos AP, configurando-se como a cronologia mais recuada do sítio Jericoacoara I.

O último grupo é representado pela cerâmica Tupi-Guarani, mas é raríssimo no acervo analisado e pode estar associado a grupos em trânsito, com incursões pouco frequentes, tendo em vista o reduzido número de fragmentos. Não se pode desconsiderar também que essas vasilhas possam ser oriundas de trocas ou ainda de furtos ou, em uma situação

menos plausível, que os grupos autores de cerâmica não Tupi possam ter assimilado a técnica de fabricação de uma das cerâmicas mais recorrentes no território brasileiro em épocas pré-coloniais

Com exceção do grupo cerâmico Tupi-Guarani, optou-se por não filiar a cerâmica de Jericoacoara. Em que pesem as similaridades dos conjuntos 1 e 2 com tradições e fases culturais já definidas, também se registram diferenças de natureza tecnológica, morfológica e contextual que requerem uma investigação mais profunda. Ainda assim, não se pode perder de vista o contexto regional de ocupação do litoral norte/nordeste do Brasil, particularmente no que diz respeito às ocupações já registradas no estado do Maranhão e Amazônia, em que aparecem muitos conjuntos cerâmicos com decorações incisas, constatando-se uma certa familiaridade de Jericoacoara com esses trechos.

Com relação ao ambiente, é provável que toda a permanência desses grupos nos arredores do Serrote tenha ocorrido em um período de maior umidade, com menos ventos e, por conseguinte, menor movimentação dos sedimentos eólicos. Conforme destacaram MEIRELES E RAVENTOS (2002, p. 90), por volta de 2100 anos AP, o último campo de barcanas encontrava-se afastado da área-fonte em aproximadamente 2.000 m, o que representou uma estabilização na fonte de sedimentos e uma melhoria nas condições de aridez. Esse contexto pode ter proporcionado a formação de uma vegetação mais densa, com espécies de portes maiores, diferentes da vegetação rasteira que cobre a área na atualidade.

Os “sítios de ambientes dunares” identificados na costa brasileira foram geralmente arrazoados em termos de acampamentos passageiros, destinados, sobremaneira, à exploração dos recursos marinhos existentes nesses ecossistemas, o que significava dizer que os povos tendiam a não estabelecer relações com o lugar, pois transitavam com frequência de um ponto a outro em busca das áreas estuarinas. Contrariamente, pensamos que o grande volume de materiais identificados no sítio (além da comprovação da fabricação de instrumentos no local e a presença de instrumentos relacionados a atividades agrícolas) pode configurá-lo como uma área de acampamentos prolongados ou semipermanentes. A existência de acampamentos pré-coloniais efêmeros não pode, contudo, ser descartada, embora não represente o único modelo válido neste caso.

Conforme mencionamos, os dados disponíveis indicam que essa enseada já estava ocupada por grupos ceramistas por volta de 2.030 anos AP. No início do último milênio, depois de 1.110 anos AP, os grupos que habitaram a área relacionada ao sítio Jericoacoara I deslocaram-se dali, provavelmente expulsos pela acentuação das condições de aridez ambiental, confirmadas pelo grande volume de sedimentos eólicos depositados sobre o sítio. A partir do século XVII (ou seja, 500 anos mais tarde), período em que se inicia a colonização do atual território cearense, a ocupação da área passa a ser documentada por muitas fontes de procedência portuguesa, francesa e holandesa: correspondências administrativas, inquéritos, relatos de viagens de reconhecimento da costa, além de documentos cartográficos.

A enseada de Jericoacoara é registrada na literatura desse período, sob a designação “baía das escaramuças”, local em que se deram numerosos conflitos entre portugueses e franceses, entre indígenas e indígenas e entre indígenas e franceses. Infelizmente, nenhum vestígio associado a esse período foi ainda identificado, mesmo nos outros sítios que compõem os complexos arqueológicos do Serrote e do Mangue Seco, circunscritos aos limites do Parque Nacional, embora a documentação escrita trate amplamente da instalação portuguesa e de uma aldeia indígena dos Tremembé, localizadas muito próximas ao Serrote.

Vale enfatizar que as fontes históricas que tratam da presença indígena em Jericoacoara, sob a designação “Baía das Tartarugas”, são densas até o último quartel do XVII, quando se têm informações sobre indígenas Tremembé envolvidos em conflitos com os colonizadores e morando numa aldeia liderada pelo principal Maraguim (OLIVEIRA, 1890), ao tempo em que outros grupos da costa já estavam vivendo em aldeamentos sob controle dos jesuítas. Mais tarde, as informações sobre esses grupos indígenas que habitaram Jericoacoara, os Tremembé, serão bastante escassas, restringindo-se à sua presença em aldeamentos no município de Itarema, no Ceará, e em áreas litorâneas correspondentes aos estados do Maranhão e Piauí.

Da aldeia do Maraguim não se teve mais notícia, e é provável que os indígenas que ali habitavam tenham ido se juntar aos que viviam no aldeamento de Nossa Senhora da Conceição de Almofala (Itarema). Por outro lado, podem ter ali permanecido, sendo eles os habitantes da pequena

vila de pescadores com os quais os primeiros turistas tiveram contato nas décadas de 1970/80, e que foram posteriormente expulsos para o interior, “as matas”, cedendo lugar para que os estrangeiros se instalassem, em um processo que viria a consolidar Jericoacoara com um dos destinos turísticos mais visitados do Brasil e do mundo, retirando-lhe, em contrapartida, seu aspecto telúrico e comunitário.

Jericoacoara é um local peculiar da costa onde se constatam evidências de uma história indígena de longa duração, uma história milenar de pertencimento protagonizada majoritariamente, conforme nos revelam as fontes escritas e os objetos, por indígenas Tremembé e seus antepassados. Pode-se considerá-lo como “Lugar Persistente”, enquanto espaço usado repetidamente durante uma ocupação de longo prazo que, embora sejam notados hiatos no registro arqueológico, foi mantido dentro de um “repertório cultural” mesmo quando os residentes se mudaram para outras áreas distantes (SCHLANGER, 1992, p.109); Há que se destacar, ainda, a importância de sua cultura material, consideradas a integridade e a diversidade de seus achados arqueológicos, bem como a existência de estratigrafia preservada (nem sempre encontrada em outros contextos da costa cearense), a qual resguarda muitas informações que podem vir a elucidar aspectos importantes da ocupação pré-colonial desse interjacente costeiro.

A TRADIÇÃO CERAMISTA TUPI-GUARANI NO CEARÁ

Na região do Cariri, localizada no sul do Ceará, em uma área irrigada por inúmeros olhos d’água que jorram da chapada do Araripe, durante trabalhos de arqueologia preventiva realizados no ano de 2006 para o licenciamento da Linha de Transmissão Milagres-CE/Coremas-PB, a cargo da CHESF (VIANA, 2007b), foram identificados os sítios arqueológicos Olho d’Água da Igreja I, Olho d’Água da Igreja II (município de Milagres), Santo Antônio, Olho d’Água do Pau, Chapada e Anauá (município de Mauriti).

Esse conjunto de sítios filia-se à tradição ceramista Tupi-Guarani. Embora os museus cearenses possuam considerável acervo de vasilhames dessa Tradição, os sítios descobertos em 2006 foram os primeiros do estado com contextos preservados, a partir dos quais se produziram dados sistemáticos acerca desses grupos de “oleiros por excelência”.

A tradição cultural Tupi-Guarani é caracterizada principalmente pela presença de cerâmicas policrômicas (vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho), com predominância da decoração pintada sobre decorações corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, bem como pela presença de adornos na forma de tembetás (CHMYZ, 1966 *apud* NOELLI, 2008, p.16). Embora existam diferenças espaciais e temporais entre sítios cerâmicos dessa Tradição, todos demonstram uma mesma cultura geral, guardando traços essenciais em comum.

Até o ano dessas descobertas nos municípios de Milagres e Mauriti, as informações sobre a presença Tupi, autores desse conjunto artefactual, tendo em vista a significativa coincidência entre sítios arqueológicos e trechos ocupados por falantes da língua, restringiam-se a atestar a sua presença em alguns pontos do litoral cearense ou na serra da Ibiapaba, em alusão a grupos que teriam se dispersado a partir do estado de Pernambuco, por força da pressão colonial (STUDART FILHO, 1963). As descobertas da região do Cariri, somadas a de escavações posteriores em áreas interioranas e litorâneas, ampliaram a compreensão sobre a dispersão desses grupos no estado, conforme veremos adiante.

A aldeia Anauá, localizado no distrito de mesmo nome, município de Mauriti, está assente em uma área utilizada para agricultura de subsistência, em especial para as culturas do milho e do feijão. No ano de 2006, a aldeia sofreu intervenção por meio de escavação de ampla superfície e coletas sistemáticas, dentre outros procedimentos. Anauá também foi o primeiro sítio a fornecer uma datação para o estado do Ceará: 640 anos AP (AMS/233908/Beta Analytic), obtida a partir de uma fogueira bem preservada, situada a 30 cm de profundidade, embora substratos superficiais do terreno tenham sido remexidos por ocasião do preparo da terra para a agricultura.

A área é representada por uma planície de inundação coberta por sedimentos aluvionares areno-argilosos, de coloração cinza a cinza escuro. A morfologia evidencia mudanças paleomorfológicas, quanto ao desenvolvimento de vale, sendo precedido, ao sul, por um serrote composto por arenitos conglomeráticos, representante da Formação Mauriti. Ao norte, deixa um vale em U, onde se verifica pequeno curso d'água, o riacho das Baixas, às margens do qual foram identificados os vestígios (VIANA, 2007b).

No sítio Anauá foram recuperados cerca de 1000 vestígios, recorrentemente observados em aldeias ceramistas Tupi-Guarani, como vasilhas de paredes espessas pintadas, fusos cerâmicos, tembetás em pedra polida, elaborados a partir do calcário e amazonita, raro instrumental lítico lascado e polido, além de supostas marcas de cabanas. Cerca de 30% da área do sítio foram escavados, verificando-se vestígios até a profundidade de 30 cm. Outros setores ficaram preservados para pesquisas futuras.

Em 2010, uma pesquisa de cunho acadêmico foi realizada em outro setor do sítio Anauá (LUNA, 2010). Além da escavação e análise do material arqueológico ali resgatado, também se analisaram implementos cerâmicos provenientes dos sítios Olho d'Água do Pau, Chapada e Santo Antônio, constatando-se similaridades tecnológicas entre os sítios de Mauriti e sítios da Chapada do Araripe, como a Aldeia do Baião e a Aldeia do Capim, ambos localizados no município de Araripina/PE (LUNA, 2010, p. 99).

Ao traçar o perfil técnico dos sítios de Mauriti, Luna verifica que era prioritária, na fabricação da cerâmica, o uso do bolo de argila e/ou cacos triturados associados à areia, ocorrendo também a predominância dos tratamentos de superfície pintado e alisado. Embora em menor escala, também corriam tratamentos polido, brunido, escovado, acanalado, roletado, engobado, inciso e ponteados. Quanto à decoração pintada, o autor identificou pigmentos nas cores branca, vermelha, marrom e cinza, traços realizados com linhas retas e curvas, além de motivos preenchidos. O conjunto possui ainda uma quantidade maior de tigelas, sendo raras as panelas.

Comparados os perfis, constatou-se uma homogeneidade tecnológica entre os quatro sítios, enfatizando-se a intencionalidade no uso dos antiplásticos (produto acrescentado à argila para a vasilha não trincar ou quebrar no fogo) bojo de argila e caco de cerâmica moída para produzir a textura desejada. A partir da reconstituição das formas, percebeu-se que todas as vasilhas de tamanho grande (maiores que 4dm³) tinham como antiplástico o bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos junto com areia, informação que remete a uma relação entre as escolhas dos antiplásticos e os tipos de objeto. Por fim, constatou-se que não havia, em nenhum dos sítios, vasilhas que excedessem 8 dm³. A pequena capacidade de armazenagem dessas peças põe em questão a possibilidade de se tratar de grupos horticultores ceramistas (Idem p. 92-94).

Ainda na região fisiográfica do Cariri, um conjunto de sítios arqueológicos associado à tradição Tupi-Guarani foi descoberto por ocasião dos estudos pertinentes ao licenciamento ambiental da Ferrovia Transnordestina (ZANETTINI, 2008), atestando a dispersão desses grupos de forma densa e prolongada. As datações obtidas para a área, entre 600 e 1500 anos AP, fizeram recuar em mais de meio século a cronologia da ocupação Tupi-Guarani no território cearense. Ocupações pré-ceramistas também foram evidenciadas nesses três sítios em níveis mais profundos, no entanto, não foram datadas.

Um desses sítios Tupi-Guarani, o Baixio dos Caboclos, localizado no município de Abaiara, ocupando uma área de cerca de 392000m² em topo e meia encosta de colina, revelou um acervo numeroso, composto por cerca de 3500 peças, entre material cerâmico, lítico e acervos relacionados ao século XX.

Os dados da coleta sistemática de superfície indicaram áreas de maior densidade de artefatos na superfície do sítio, sendo selecionadas as quadras 18.25NW e 13.01SW. Em cada uma dessas quadras foi aberta uma Unidade de Escavação (UE) de 2 x 2 metros, respectivamente denominadas de unidades UE12 e UE13. A UE12 foi aprofundada até os 70 centímetros, apresentando três camadas estratigráficas. Nessa unidade, uma estrutura ofereceu carvão a 40cm de profundidade foi datado em 1.530 anos AP, revelando uma ocupação Tupi antiga nessa porção do semiárido nordestino (Idem p. 45).

O mesmo relatório identifica outro sítio Tupi-Guarani no município de Brejo Santo, denominado Joaquim Chicote. Implantado na alta e meia encosta suave de uma chapada, apresenta o solo exposto devido a atividades agrícolas, com alguns resquícios de vegetação de caatinga, e material arqueológico disperso em uma área máxima de 20000 m². Duas áreas de concentração de material identificadas no sítio apresentaram comportamentos distintos: a área noroeste apresentou uma maior quantidade de material cerâmico e a área sul-sudeste uma maior proporção de material lítico. Na UE1 foi escavada uma quadrícula de 1m², a qual não apresentou material arqueológico. Na UE2, aberta no setor noroeste do sítio, uma amostra localizada entre 30 e 40 cm foi datada de 630 AP. O acervo coletado totalizou 1063 peças, com predomínio do material pré-colonial.

Entre os sítios Tupi-Guarani identificados por Zanettini (2008) na região do Cariri, o Baixio dos Lopes, situado também no município de

Brejo Santo, foi o que apresentou o mais alto grau de significância, devido à sua área extensa, presença de estruturas arqueológicas bem conservadas e grande concentração de vestígios arqueológicos em subsuperfície. O sítio está implantado entre o sopé de uma serra e uma planície de inundaçãõ, uma área utilizada para pastagem com resquícios de vegetaçãõ de caatinga.

Os materiais cerâmicos e líticos encontram-se distribuídos por uma área de 180 m de largura no sentido E-W, por 150 m de comprimento no sentido N-S, totalizando uma área aproximada de 27.000 m², dos quais foram escavados 66 m². Esse sítio foi o que forneceu o acervo mais numeroso da região, ultrapassando 14000 peças, distribuídas entre material cerâmico pré-colonial (7400), lítico pré-colonial (5297) e material histórico do século XX (2113).

A partir das intervenções subsuperficiais foi possível perceber a existência de quatro manchas escuras referentes a solos antropogênicos. Na UE1 foi evidenciado muitos fragmentos cerâmicos e uma estrutura que continha fragmentos de um vasilhame quebrado *in loco*, além de fragmentos de amazonita.

Duas estruturas de combustão também puderam ser evidenciadas: uma inserida entre os níveis a 10 e 30 cm da quadra 2, apresentou cinzas e carvões bem conservados parcialmente circundados por pequenos blocos de arenito; a outra, localizada entre os níveis a 30 e a 50 cm, era formada de grandes blocos de arenitos dispostos de forma elíptica, apresentando carvões apenas abaixo dos blocos rochosos. Uma amostra de carvão coletada na estrutura de fogueira encontrada nas quadras 4, 5 e 6 da UE1 foi datada por C14, fornecendo a data de 1020 anos AP.

Na UE2 se evidenciou muitos fragmentos cerâmicos e artefatos líticos, inclusive uma pré-forma de tembetá em amazonita. Na UE3 foram identificados blocos de arenito associados a carvões que poderiam ter pertencido a uma fogueira. A datação dos carvões coletados nessa estrutura forneceu a data de 1260 anos AP.

Sítios Tupi-Guarani na costa cearense também são bastante numerosos, e o primeiro a ser descoberto, nomeado Boa Esperança, foi identificado ainda na década de 1990 por ocasião da realizaçãõ de prospecções do “Projeto Litoral” (CAZZETTA, 1996). O local é amplo e plano e situado a 800 m do alagamar do rio Trairi, a aproximadamente 2 km do mar. Durante as atividades de prospecção desse Projeto foram realizadas apenas coletas não sistemáticas de fragmentos que se dispersavam por um raio

de 1 quilômetro, associados a grandes vasilhas, geralmente com bordas reforçadas e paredes espessas, decoradas com pinturas em vermelho, preto e branco, ocorrendo ainda tigelas e assadores.

Com a dissertação intitulada “Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi-CE”, Nobre (2013) deu continuidade aos trabalhos da década de 1990. Sua pesquisa buscou investigar se uma nova concentração de vestígios localizada na área, preliminarmente designada Aldeia de Trairi, poderia ser parte da aldeia Boa Esperança, a partir da interpretação dos dados obtidos nas pesquisas de campo. A metodologia utilizada visou a comparação de suas culturas materiais, levando em consideração sua distribuição espacial.

Dentre o acervo analisado, foram selecionados três fragmentos do trecho pertinente ao sítio Boa Esperança e dez do trecho designado Aldeia de Trairi, os quais foram enviados para análise da radiação acumulada, através da técnica da termoluminescência, com o objetivo de verificar uma possível contemporaneidade. Desse modo, as relações encontradas entre sensibilidade da amostra “versus” quantidade de radiação acumulada indicaram que os materiais são contemporâneos; no entanto, não foi estabelecido um marco cronológico para essa área (NOBRE, 2013, p.104).



Figura 3 – Cerâmica Tupi-Guarani do sítio Boa Esperança Trairi - Ceará (VIANA, 2018).

Essa área pode corresponder à aldeia Potiguar do Cobra Azul, assinalada no primeiro documento escrito da história do Ceará, a “Relação do Maranhão” (1608), da autoria do Padre Luís Figueira, que trata da trajetória de uma missão que fora interrompida em virtude da morte do padre Francisco Pinto,

companheiro de ordem de Figueira, morto pelos tapuias Tocarijú que atacaram aldeias de grupos tabajaras da serrada Ibiapaba. O percurso de ida compreendia trechos de serra e sertão; já o retorno, feito às pressas, em decorrência do episódio referido, deu-se por trechos litorâneos, percorridos no sentido Oeste-Leste. A Relação expõe um interessante relato acerca dos grupos potiguaras que viviam na aldeia do Cobra Azul, localizada no litoral oeste, local interpretado como um “agrupamento a pouca distância do rio Mundaú, ou mais para leste, pelas imediações do estuário do rio Trairi, porque a costa, para além do Mundaú, em geral, era domínio dos índios Tremembés, comumente inimigos dos tupis” (BRASIL SOBRINHO, 1967, p.56).

Por ocasião do licenciamento da Linha de Transmissão Faísas-Pecém, ligando os municípios litorâneos de Trairi e São Gonçalo do Amarante, Luna (2014) escavou o sítio Caiçara, localizado no município de São Gonçalo do Amarante, a 50 km de Fortaleza, num ponto mais distante da praia, mas ainda em um ambiente que se insere no ecossistema costeiro. Esse trabalho configura-se como o primeiro a fornecer uma sequência significativa de datações com uma coluna estratigráfica datada.

Durante a escavação foram identificados cinco momentos de ocupação, com os dois primeiros se misturando à terra revolvida pela aragem. O mais recente, vincula-se a vestígios do grupo que atualmente ocupa a localidade, constituídos por fragmentos de materiais construtivos e cerâmicas. O segundo trata-se de uma ocupação Tupi-Guarani, que estaria a 35 cm de profundidade, mas que foi remexido durante o trato da terra e acabou se misturando à ocupação mais recente. Os vestígios dessa tradição são fragmentos de cerâmica, materiais líticos lascados e polidos, além de uma estrutura de fogueira, encontrada parcialmente preservada aos 35 cm de profundidade. Dessa estrutura de combustão foram recolhidas amostras de carvão para datação pelo método C14, resultando em 980 anos AP. Essa data, segundo Luna (2014, p.158-160) aproxima-se da teoria de expansão dos grupos Tupi proposta por J. P. Brochado, que defendia a sua presença no litoral nordestino por volta de 1.150 anos AP. Em outros níveis mais profundos para ocupações não-Tupi, foram obtidas datações que chegaram a 4.580 anos AP.

Durante as obras de instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, em uma área na

divisa dos municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante, tradicionalmente habitada por grupos indígenas da etnia Anacé, foram escavados dois sítios arqueológicos, ambos filiados à tradição ceramista Tupi-Guarani, o CE 0013 LA/UFPE e o CE 00132 LA/UFPE. Esses dois sítios foram datados pelo método da termoluminescência, gerando uma cronologia que se estende de 670 a 220 anos AP para o sítio CE 00132, a partir de níveis em profundidade, ao passo que o CE 00013 apresentou datações entre 870 e 310 anos AP (ALBUQUERQUE, 2010, p.1565).

A ocupação da área por ambos os grupos, embora tenha durado por volta de 500 anos no sítio CE 0113 e 450 anos no sítio CE132, não ocorreu de forma contínua, mas em “sucessivas ocupações distintas, de grupos semissedentários, que retornavam ao mesmo local de assentamento após um período de ausência” (ALBUQUERQUE, 2010, p.1592).



Figuras 4 e 5 – Cerâmica Tupi-Guarani e adorno em amazonita identificados nas obras da CSP (ALBUQUERQUE, 2010).

O potencial informativo do acervo gerado durante as escavações desses sítios torna imperativa a necessidade de aprofundamento das informações acerca dos grupos que ocuparam esse interjacente costeiro. O material escavado encontra-se depositado no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco e, na atualidade, vem sendo reivindicada a sua repatriação pelos grupos Anacé que habitam os municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante.

A DISPERSÃO DA TRADIÇÃO ARATU NO ESTADO DO CEARÁ: O SÍTIO SERRA DO EVARISTO NO MUNICÍPIO DE BATURITÉ

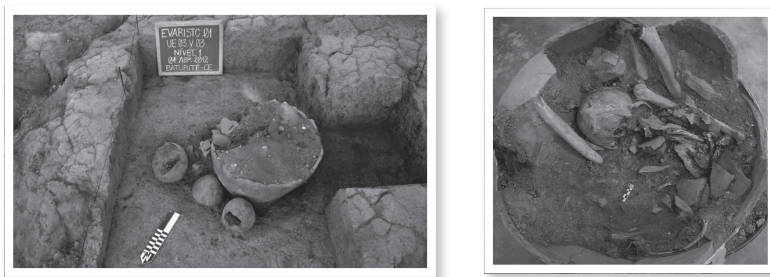
O Sítio Serra do Evaristo está localizado no município de Baturité, região serrana do Maciço de Baturité, localizado a 100 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará. O acesso à área, a partir da sede municipal, dá-se por meio de uma estrada vicinal, chegando-se ao sítio depois de um trajeto de 12 km, a uma altitude aproximada de 700 m. A região serrana, um dos pontos mais altos do Maciço, chama atenção pela sua beleza cênica e clima ameno, constituindo um verdadeiro oásis no semiárido cearense.

O Maciço de Baturité apresenta-se como uma paisagem de exceção com uma extensa e densa mata úmida. O clima predominante na área é o Tropical Quente Sub-úmido, com pluviosidade média de 1000 mm. A temperatura média oscila de 26° a 28° e as chuvas ocorrem entre os meses de janeiro a maio. Os tipos vegetacionais dominantes são: a Caatinga Arbustiva Densa, Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial e Floresta Subperenifólia Tropical Pluvio-Nebular Metropolitana.

Os vestígios identificados na Serra do Evaristo revestem-se de grande importância por serem encontradas *in situ* diferentemente do que se observa em relação a inúmeros vestígios depositados em museus cearenses, sobre os quais não dispomos, sequer, de suas procedências. O solo argiloso avermelhado e enrijecido contribuiu para a preservação dos conjuntos artefatuais, embora algumas vasilhas tenham sido degoladas em virtude de atividades cumulativas de terraplanagem e construção de habitação e de um campo de futebol.

A presença de vestígios arqueológicos na área foi noticiada na imprensa local no início da década de 2000, mas os moradores mais antigos relatam a convivência com numerosos “campos de urnas”, aflorando em superfície, desde tempos imemoriais.

Chama-nos atenção a presença de um arranjo artefactual representado por cerâmicas dispostas de modo a sugerir um ritual funerário: uma urna localizada no centro do conjunto, ladeada por quatro vasilhas menores, as quais, após análise laboratorial, revelaram a presença de restos alimentares, provavelmente oferecidos nas referidas práticas rituais.



Figuras 6 e 7 – urnas funerárias com sepultamentos no sítio Serra do Evaristo (IPHAN, 2014).

As escavações arqueológicas ocorridas no sítio Serra do Evaristo foram financiadas através de um Plano de Ação (PA) da Superintendência do IPHAN no Ceará (IPHAN, 2014). Alguns estudantes quilombolas residentes no local participaram de forma colaborativa das atividades de escavação, de análise laboratorial e de educação patrimonial. Todo o material recuperado nas escavações do ano de 2012 encontra-se depositado na reserva técnica do Museu Comunitário da Serra do Evaristo, atualmente administrado pela Comunidade Quilombola local.

As atividades de escavação concentraram-se em seis pontos da área nuclear do sítio: o jardim da casa da sra. Aparecida Freitas, a estrada vicinal, o campo de futebol, a área frontal da escola e da igreja, além de uma área de plantio, onde foi executada uma trincheira. Ao todo, foram abertas 18 Unidades de Escavação, relacionadas a trechos nos quais as vasilhas já afloravam. Segundo Castro *et al* (2015), entre as 18 vasilhas escavadas, seis apresentaram ossos humanos (vasilhas V2C, V3, V5, V7A, V8 e V14).

As vasilhas cerâmicas, com formas, tamanhos e finalidades distintas (sepultamento, ritual e uso utilitário), são de paredes espessas, com diâmetros variando entre 10 e 70 cm, não possuindo elementos decorativos pintados ou incisos, sendo fabricadas, majoritariamente, com a técnica que faz uso da sobreposição de roletes de argila. Entre as formas das grandes vasilhas, destacam-se os exemplares periformes, elementos diagnósticos da tradição ceramista Aratu. Associados ao conjunto cerâmico foram recuperados fusos utilizados na fiação, adornos, materiais líticos lascados, além de um número expressivo de machados polidos associados a práticas agrícolas.

Com relação ao conjunto ósseo identificado, sabe-se que o material é bastante numeroso e, segundo informações presentes no relatório final de pesquisa, os dentes decíduos e os permanentes apresentam desgastes associados ao processo de mastigação de alimentos moderadamente abrasivos (raízes, cascas, peles, ossos, sementes), alimentos cozidos em matrizes de solo e cinzas aquecidas. Também foi verificada a existência de atrição dentária por uso dos dentes como instrumentos para segurar ou preparar couros e fibras vegetais (IPHAN 2014, p. 127).

Os grupos ceramistas Aratu ocuparam o sítio Serra do Evaristo por volta de 700 anos AP, ou seja, entre os séculos XIII e XIV da nossa era, a partir de uma datação associada a um esqueleto do sepultamento 1 (Vasilha 2), inumado perto do muro da escola local, alcançando 120 cm de profundidade (IPHAN, 2014, p. 129).

Estudos de palinologia realizados por Freitas *et al* (2015, p. 214-226), a partir de amostras recuperadas de sedimentos internos das vasilhas e fragmentos cerâmicos no sítio Serra do Evaristo identificaram a presença de mandioca (tipo *Manihot*), batata doce (tipo *Ipomoea*) e algodão (tipo *Gossypium*), sustentando que grupos que ocuparam a área desenvolveram práticas agrícolas ao redor de suas habitações, implicando, ainda permanência na área. O registro do pólen de palmeira (tipo *Arecaceae*) e árvores típicas de bosques secundários (tipo *Moraceae-Urticaceae*) junto com as plantas cultivadas sugerem o manejo de vegetais e um possível processo de construção da paisagem local. As análises polínicas dos fragmentos cerâmicos informam sobre a dieta dos grupos que ocuparam esse interjacente serrano, evidenciando uma alimentação de origem vegetal diversificada, baseada no consumo de tubérculo Mandioca (tipo *Manihot*), batata doce (tipo *Ipomoea*), milho (*Zea mays*) e outras gramíneas, além de plantas frutíferas como palmeiras (tipo *Arecaceae*), caju (*Anacardium*) e maracujá (*Passiflora*).

Com relação à inserção do Sítio Serra do Evaristo no panorama arqueológico regional (sem esquecer as especificidades locais) destacamos, conforme mencionado, a sua filiação à tradição ceramista designada Aratu, identificada inicialmente em pesquisas no Recôncavo Baiano, litoral norte e interior da Bahia por Valentim Calderón, mas expandindo-se depois para as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil.

A tradição Aratu pode ser caracterizada por cerâmicas sem decoração interna ou externa; morfologia dos vasilhames com formas em meia calota, hemisféricas, ovoides, elipsoides e periformes; grandes urnas periformes, chegando a 1 m de diâmetro, podendo servir como receptáculo funerário ou como recipiente de armazenagem; sítios a céu aberto com grandes manchas e alta concentração de material cerâmico; disposição das manchas (habitações) em formato circular no entorno de um espaço (praça) central; sítios comumente alocados nas proximidades de córregos de médio e pequeno portes; implantação preferencial por áreas planas ou de inclinação leve na meia encosta de colinas suaves. A tradição identifica uma população agrícola, com grandes e duradouros sítios habitacionais, em que poderiam morar até mais de mil pessoas, junto aos quais podem ser encontrados cemitérios contendo até uma centena de urnas funerárias (SCHMITZ & ROGGE, 2008; SOARES, 2013, p.62).

A descoberta de urnas funerárias da tradição Aratu não pode ser considerada recente no estado do Ceará. Consultas às fontes bibliográficas apontam que, no município de Capistrano, precisamente na localidade chamada Serra do Vicente, próxima à Serra do Evaristo, foi realizada na década de 1970 uma investida do Centro de Informação Arqueológica (CIA)/Rio de Janeiro, ligado ao PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica) e partir dessas informações, diversas correlações puderam ser estabelecidas entre a cerâmica da Serra do Vicente e a referida tradição:

Entre esses pontos de contatos, destacamos: os enterramentos apresentam-se em grupos de 3 a 4 urnas em lugares elevados; as urnas funerárias são piriformes; as urnas são tampadas por tigelas em posição invertida; ocorrem discos cerâmicos perfurados; pasta de areia; o tempero corresponde a três tipos: areia grossa, areia fina e grafite; tigelas de borda ondulada com bicos espaçados; altura das urnas entre 55 e 75cm. O sítio agora descrito poderá representar um ponto de estacionamento dentro das rotas migratórias, já que a sua profundidade não é tão grande quanto a dos sítios do Recôncavo Baiano (PARNES e SOUZA, 1971, p. 142-143).

Em conformidade com os estudos realizados no Brasil até o momento, a tradição Aratu está situada dentro de um universo cronológico que tem início

por volta de 1200 anos AP e se estende até 500 anos AP. No estado de Goiás, associados à fase Mossâmedes, aparecem os sítios Aratu mais antigos, tornando a região Centro-Oeste do Brasil o ponto inicial de dispersão desses ceramistas.

A descoberta de um grande assentamento Aratu Apucarana, localizado dentro da cidade do mesmo nome, na encosta de suave colina, a 785 m de altitude, no norte do estado do Paraná, mostrou que a população dessa tradição cerâmica teve grande expansão no Brasil no sentido Sul (SCHMITZ & ROGGE, 2008). O sítio Apucarana, representa o ponto mais extremo sul alcançado pelos ceramistas da tradição Aratu, ao passo que a Serra do Evaristo, objeto da nossa discussão, representa agora o ponto mais extremo alcançado por esse grupo ceramista, no sentido Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a arqueologia cearense ainda seja marcada pela incipiência de suas pesquisas, alguns trabalhos realizados nos últimos anos têm apresentado dados importantes para a compreensão povoamento pré-colonial deste território, elucidando aspectos relacionados à tecnologia, à relação com o lugar, à dieta, aos rituais funerários, à temporalidade, entre outros. Na atualidade, o avanço das pesquisas no estado do Ceará esbarra na ausência de cursos voltados à formação profissional e na inexistência de instituições de guarda de acervos arqueológicos.

Todavia, a conclusão deste artigo coincide com a entrega à reitoria da UFC de um projeto pedagógico de bacharelado em arqueologia, via Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), reascendendo a esperança de resolução desta problemática, que se arrasta por anos.

Esperamos que o conteúdo aqui apresentado seja útil ao entendimento da diversidade cultural e modos de vida existentes no território cearense em momento anterior à chegada dos colonizadores europeus. Aspiramos ainda que as informações aqui disponibilizadas venham a subsidiar o Ensino da História do Ceará Antes da Escrita.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A. N. Incursões à pré-história da América Tropical. In: MOTA, C. G. **Viagem incompleta. A experiência Brasileira (1500-2000). Formação: histórias**. São Paulo: Editora do SENAC, 2000. p.29-43.
- AGUIAR, A. A Tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco. **CLIO** (Série Arqueológica), n.8, p.7-57. 1986.
- ALBERNAZI, João. **Pequeno Atlas do Maranhão e Grão-Pará. Província dos Tremembes de Guerra**. 1629. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Terra_dos_Tremembes>, acesso em: 19 nov.2017.
- ALBUQUERQUE, M. **Relatório do Programa de Resgate Arqueológico na área da Companhia Siderúrgica do Pecém, Caucaia e São Gonçalo do Amarante, Ceará**. Fortaleza, 2010.
- ARARIPE, Tristão de Alencar. Letreiros lapidares cearenses. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, p. 9-54, 1909.
- BECK, Mathias. Diário da expedição de Mathias Beck ao Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. XVII, p.325-405, 1903[1649].
- BRASIL SOBRINHO, T. P. Inscrições rupestres sul-americanas e dos sertões nordestinos. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, p. 48-50, 1953.
- BRASIL SOBRINHO, T. P. As migrações paleolíticas e as inscrições rupestres da América. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, LXIX, p. 5-20, 1955.
- BRASIL SOBRINHO, T. P. Algumas inscrições rupestres inéditas no estado do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, LXX, p. 75-129, 1956.
- BRASIL SOBRINHO, T. P. Relação do Maranhão: Introdução, notas e comentários de Thomaz Pompeu Sobrinho In: **Três documentos do Ceará Colonial**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, Fortaleza – Ceará. Coleção HISTÓRIA E CULTURA dirigida pelo Instituto do Ceará, n.8, 1967. p.9-113.
- CALDERON, Valentin. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre do estado da Bahia. **Universitas**: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 5, p. 5-17, 1971.
- CASTRO, V. M. C. de; OLIVEIRA, C. A. de; SILVA, S. F. S. M da; PEDROZA,

I. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará. **Mneme** – revista de humanidades, v.16, n.36, p. 201-227, 2015.

CAZZETTA, M. **Relatório do Projeto Litoral**. Fortaleza: IPHAN, 1996.

DEBLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C.; GASPAR, M. D. Sambaquis e Paisagem: Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-Americana**, v.3, n.1, p. 28-61, 2007.

EVREUX, Yves d'. **Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002 [1613].

FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, M. **História dos Índios no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.381-396.

FIGUEIRA, Luis. Relação do Maranhão. In: **Três documentos do Ceará Colonial**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, Fortaleza – Ceará. Coleção HISTÓRIA E CULTURA dirigida pelo Instituto do Ceará, n.8, 1967 [1608]. p.114-157.

FREITAS, A. G.; CARRION, J. S.; FERNANDEZ, S.; PEDROZA, I.; CAROMANO, C.; CASCON, L. M.; BIANCHINI, G. F.; SILVA, S. F. S. M.; GHETTI, N. C.; OLIVEIRA, C. A. Manejo y cultivo de plantas en sierras húmedas del NE de Brasil ca. 670-530 BP: evidencias palinológicas del yacimiento Evaristo I. **SAGUNTUM**, v. 47, p. 203-231. 2015

GASPAR, M. D. Os Ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. In: TENÓRIO, C. (ed.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. p.159- 169.

GERRITSZ, H. Description des îles sauvages on a suivi principalement les annotations et le mémoire de Reuke Pieters d'Amelandt, second de Jochem Gÿsen, à bord du navire le "Cat". In: **Journaux et nouvelles tirées de la bouche de Marins Hollandais et Portugais de la Navigation aux Antilles et sur les Côtes du Brésil**. Annaes da Biblioteca do Rio de Janeiro, Oficina de Artes Gráficas da Biblioteca Nacional, 1909. (Traduzido do holandês para o francês por E. J. Bondam), p.102-157, 1909 [1627].

GERRITSZ, H. (Extrait d'une carte française d'entre les documents que la Compagnie a reçus du dossier de D. V. Plancius. In: **Journaux et nouvelles tirées de la bouche de Marins Hollandais et Portugais de la Navigation aux Antilles et sur les Côtes du Brésil**. Annaes da Biblioteca do Rio de

- Janeiro, Oficina de Artes Gráficas da Biblioteca Nacional, 1909. (Traduzido do holandês para o francês por E. J. Bondam), p.177-179, 1909 [1629].
- GUIDON, N. Da aplicabilidade das classificações preliminares na arte rupestre. **CLIO**: revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco – Série Arqueológica, Recife, n. 5, p. 19, 1982.
- IPHAN. **Relatório de escavação do sítio funerário Serra do Evaristo, município de Baturité – Ceará**. Fortaleza, 2014.
- LUNA, D. M. **Relatório do Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico na LT Faísa-Pecém**. Fortaleza, 2014.
- LUNA, D. M. **Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'água do Pau, Mauriti-CE**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 1997.
- MEIRELES, A. J. A. & RAVENTOS, J. S. Um modelo geomorfológico integrado para a Planície Costeira de Jericoacoara/CE. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v.1, n. 1, p.79-94, 2002.
- MORENO, Diogo Campos. **Jornada do Maranhão: por ordem de S. Majestade feita o ano de 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002 [1614].
- NASSER, N. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA**, 5. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, (Publicações Avulsas, 26), p.155-164, 1974.
- NOBRE, N. **Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi-CE**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- NOELLI, F. S. José Proença Brochado: vida acadêmica e arqueologia tupi. In: PROUS, A. & LIMA, T. A. (Org.). **Os ceramistas Tupi-Guarani**. Sínteses regionais. 1ed. Belo Horizonte: Sigma/SAB/IPHAN, V.1, p. 9-37.
- NOGUEIRA, João Franklin de Alencar. Letreiros antigos: notícias sobre o Serrote da Rola. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, XV, p. 84-85, 1901.
- OLIVEIRA, J. B. P. de. Um capítulo da História do Ceará: Ligeiras Rectificações, Conquista dos Índigenas. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, ano IV, p.118-154, 1890.

- PARNES, M. & SOUZA, A. M. **Relatório de pesquisas no Ceará**. Centro de Informação Arqueológica (mimeografado), Rio de Janeiro, 1971
- SANTOS, T. dos. **Tecnologia lítica e economia no sítio serrote de Jericoacoara: caracterização de uma indústria lítica do Holoceno recente**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- SCHLANGER, S. H. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. In: ROSSIGNOL, J.; WANDSNIDER, L. (eds). **Space, Time, and Archaeological Landscapes**. New York: Plenum Press, 1992. p.91-112.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 18: 47-68, 2008.
- SOARES, K. A. **Caracterização do (s) grupo(s) ceramista(s) da enseada de Jericoacoara, extremo litoral noroeste do estado do Ceará: subsídios tecnológicos, cronoestratigráficos e etno-históricos**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- SOARES, J. Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 23: 61-77, 2013.
- SOUZA, L. D. A. de. **Ocupações ceramistas na praia de Sabiaguaba - Ceará**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- STUDART FILHO, Carlos. A propósito de uma petrographia localizada na fazenda do Mucambo em Itapipoca. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, XXXIX, p. 164-172, 1925.
- STUDART FILHO, C. Os Aborígenes do Ceará (I). **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, LXXVI, p. 5-73, 1962.
- STUDART FILHO, Carlos. Os Aborígenes do Ceará (II) – Notícias Históricas. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, LXXVII, p. 153-217, 1963.
- VIANA, Verônica. **Os registros gráficos pré-históricos do sertão centro-norte do Ceará**. 2000. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- VIANA, V. *et al.* **Relatório dos Estudos Integrados do Patrimônio Cultural**

na área de intervenção do sistema de esgotamento sanitário da praia de Jericoacoara, Município de Jijoca-CE. Programa de resgate do Patrimônio Arqueológico, Levantamento do Patrimônio Cultural Imaterial e Programa de Educação Patrimonial. Fortaleza: IPHAN, 2007a.

VIANA, V. *et al.* **Relatório dos Estudos Integrados do Patrimônio Cultural na área de intervenção da Linha de Transmissão 230kV Milagres – CE / Coremas – PB.** Fortaleza:IPHAN, 2007b.

VIANA, V.P. **Dinâmicas culturais e ambientais na praia de Jericoacoara, Jijoca de Jericoacoara, Ceará – Brasil.** 2018. 365 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

ZANETTINI, P. E. **Relatório final da Transnordestina:** Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural da Ferrovia Transnordestina trecho Missão Velha (CE)- Salgueiro (PE). Volume I, Fortaleza: IPHAN, 2008.
